

VOCALISMO ÁTONO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Bismarck Zanco de Moura (UFRJ)

dezanco@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho completo resume o minicurso intitulado “Vocalismo átono do Português do Brasil” e tem por objetivo apresentar uma simplificação do capítulo “Variação e mudança no âmbito do vocalismo”, do livro *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*, uma recente publicação em que foi sintetizado o quadro de variação que incide sobre o vocalismo átono do português do Brasil, dentre outros aspectos e teorias linguísticos. O capítulo escrito sob a orientação da Sociolinguística Variacionista investiga o comportamento das vogais pelas posições átonas nas cinco regiões do país. Dessa forma, discutem-se os padrões de variação de vogais pretônicas e postônicas mediais e finais, bem como os principais condicionamentos envolvidos nos processos que as atingem, como o alteamento (via harmonização ou via redução vocálicas), síncope de vogais médias postônicas não finais e, ainda, a monotongação. Assim, neste artigo, é sintetizado o capítulo em tela.

Palavras-chave:

Variação. Vogais átonas. Português do Brasil.

SOMMARIO

Questo articolo riassume el breve corso intitolato “Le vocali deboli del Portoghese Brasiliano” e mira a presentare una semplificazione del capitolo “Variation and chance in the scope of vocalism”, dal libro *Sociolinguistic mapping of Brazilian Portuguese*, una recente pubblicazione che riassume il quadro di variazione che si concentra sul vocalismo non accentuato del portoghese brasiliano, tra gli altri aspetti e le teorie linguistiche. Il capitolo scritto sotto la guida della Sociolinguistica delle variazioni indaga il comportamento delle vocali da posizioni non accentate nelle cinque regioni del paese. Pertanto, vengono discissi i modelli di variazione delle vocali pretoniche e postoniche medial e finali, nonché i principali fattori di condizionamento con involti nei processi che li influenzano, come l’elevazione (tramite l’armonizzazione o tramite la riduzione delle vocali), la síncope delle vocali medie non postoniche finali e, ancora, monotongazione. Quindi, in questo articolo, viene riassunto il capitolo sullo schermo.

Parole chiave

Variazione. Portoghese brasiliano. Vocali deboli.

1. Introdução

Apresenta-se, neste minicurso escrito, uma síntese do capítulo “Variação e mudança no âmbito do vocalismo”, do livro *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*, publicado em 2015. O livro

descreve, sob a ótica variacionista, alguns fenômenos sonoros e morfosintáticos, além de, em sua segunda parte, demonstrar a conjugação desse modelo a outras vertentes teóricas. Este texto escrito, então, consiste de uma simplificação em que são apontados os principais aspectos variáveis envolvendo a concretização de vogais átonas pelas cinco regiões do país, além de alguns poucos acréscimos oriundos de outras leituras por mim realizadas. A inovação deste trabalho completo reside na seção 3.1. que se presta à comparação de alguns resultados sociolinguísticos para um mesmo aspecto de áreas geográficas brasileiras.

Têm-se como objetivos *(i)* discutir o comportamento das vogais em contextos átonos; *(ii)* bem como os processos sonoros variáveis operantes nesses ambientes, a exemplo do alteamento, um processo que perpassa todos os ambientes átonos da fala brasileira, sobretudo, a pauta pretônica, em que pode culminar em harmonização ou redução vocálica; *(iii)* apontar, debater e comparar, brevemente, aspectos, sobretudo, de natureza social para os resultados apontados por Brandão (2015); *(iv)* possibilitar a inserção de interessados no universo da análise variacionista de vogais do português do Brasil; *(v)* oferecer um guia de consulta rápido e simplificado do capítulo para, sobretudo, iniciantes e *(vi)* indicar referências de livros e estudiosos para aprofundamento na área de Sociofonética do português brasileiro.

A autora inicia o capítulo, afirmando que estudos sobre o vocalismo átono do PB, antes desenvolvidos por filólogos e dialetólogos, intensificaram-se na década de 70, com a perspectiva variacionista. Aviso que essa vertente de análise teve início entre nós com trabalhos orientados por Naro no domínio da sintaxe, o primeiro estudo foi sobre a ausência de marcas de concordância nominal, de Maria Luiza Braga em 1977. Além disso, Brandão (2015) chama atenção para estudo de Cunha (1986) que estabeleceu a classificação de fenômenos sonoros em conservadores ou inovadores.

Destaco, neste texto, quatro dos seis fenômenos que a autora aponta, por interessarem à simplificação aqui empreendida.

Classificação de Cunha (1986)	
<input type="checkbox"/> Fatos fonéticos conservadores:	<input type="checkbox"/> Fatos fonéticos inovadores:
<ul style="list-style-type: none">• Alternância polimórfica das pretônicas.• Realização [i] do < e > gráfico final.	<ul style="list-style-type: none">• Abertura das vogais médias pretônicas no nordeste/norte do país.• Desenvolvimento de um iode em sílabas travadas por /S/.

A descrição fonológica de Mattoso Câmara Jr., apoiada na fala **culta** carioca, reconhece: “Sete vogais em posição tônica, as quais em função de processos de neutralização, passam a cinco, quatro e três unidades fonológicas nas posições pretônica e postônicas não final e final”. Para o autor, quanto maior o grau de atonicidade, maior é a ocorrência de neutralização. Assim, o ambiente postônico final, de maior atonicidade, é o contexto no qual se verifica o menor número de vogais, devido a um maior número de ocorrências de neutralização.

Antes de passarmos aos resultados de pesquisas linguísticas, resolvi explicar o conceito dos processos fonológicos variáveis em jogo a fim de facilitar a compreensão do leitor que não conhece ou desconhece esses conceitos ou mesmo se esqueceu.

Começo, afirmando que o vocalismo átono do português brasileiro e caracteriza pela ocorrência bastante produtiva de realizações altas. O alteamento perpassa todas as pautas átonas de quase todas as regiões brasileiras. Assim, vogais médias frequentemente (uma vez que é um processo variável⁵³⁸) realizam-se como altas, as quais são apenas duas: [i] e [u] e todos os subsistemas átonos (pretônico e postônico final e não final) da variedade brasileira da língua portuguesa têm, portanto, salvo resistências ora de natureza lexical ora de natureza fonética, tendência a estruturar-se em apenas três segmentos sonoros, as duas altas em questão e a baixa /a/, mas essa tendência de simetria ternária encontra restrições a exemplo da conservação como média do fonema postônico medial anterior na fala culta do Rio de Janeiro, conforme apontado por De Paula (2010) para quem aspectos de natureza social também dificultam a mudança em três segmentos na posição postônica medial ou da presença mais significativa, na posição postônicas final, de anteriores que se conservam como média mais do que posteriores no Sul do país (VIEIRA, 2002).

⁵³⁸ Apesar de variável, estudos mostram particularidades. De Paula (2010) mostrou que, na fala popular carioca, o alteamento é categórico para ambas as médias. Também no Sul postônicas finais posteriores tendem mais ao alteamento no Sul do que as anteriores, mais resistentes.

O primeiro e o terceiro aspecto correspondem a restrições decorrentes da maior proximidade articulatória entre as posteriores [u] e [o] do que entre as anteriores [i] e [e] (BISOL, 2003).

Alteamento da pretônica / e /	<i>[i]scada para <u>e</u>scada</i>
Alteamento da pretônica / o /	<i>b[u]neca para <u>o</u>neca</i>
Alteamento da postônica não final / e /	<i>pró<i>f</i>[i]se para pró<i>o</i>tese</i>
Alteamento da postônica não final / o /	<i>fós<i>f</i>[u]ro para fós<i>o</i>foro</i>
Alteamento da postônica final / e /	<i>pent<i>i</i>] para pent<i>o</i></i>
Alteamento da postônica final / o /	<i>bol[u] para bol<i>o</i></i>

Note que acima afirmei que o alteamento, apesar de atingir todas as três posições átonas da língua, atinge quase todas as regiões. Essa informação merece melhor detalhamento uma vez que (i) ao norte/nordeste prevalecem para vogais pretônicas realizações abertas, portanto, abaixadas e não alteadas e (ii) ao sul do país, não se verificam apenas realizações altas para as vogais finais, fato que sugere uma neutralização (em direção às altas), ainda, em andamento, como defendeu Vieira (2002).

Observe que nas duas justificativas à restrição ao alteamento pelo Brasil utilizo as palavras “prevalecem” e “apenas”, isso se dá devido ao fato de a análise sociolinguística nos mostrar a interferência da frequência, isto é, uma realização fonética, por exemplo, ter maior ou menor tendência de uso (apesar de poder se dar de modo categórico, o que representa ter o processo variável chegado ao fim).

Entendamos, portanto, que os processos abaixo são variáveis, porque podem ocorrer ou não em uma mesma área ou mesmo na boca de um mesmo usuário da língua e isso sofre a interferência, por exemplo, de condições sociolinguísticas, como veremos na análise dos dados, como a monitoração do discurso ou mesmo a diferença de uso das vogais entre fala culta e fala popular de uma mesma região. Trata-se, portanto, de probabilidades. Assim, podemos estar diante de um condicionamento, mas ele pode não operar, como emb[e]liche e dol[o]rido, dados de São Paulo (SILVEIRA, 2008) e o oposto também se observa, pois podemos não ter condicionamento e o processo operar (VIEGAS, 1987).

Vale lembrar, ainda, o estatuto dos processos, uma forma linguística pode conviver com sua(s) forma(s) alternante(s), casos de variação estável ou podem não conviver mais com formas alternantes, quando a variação acaba por vitória de uma forma linguística específica e uma mudança, então, dá-se por concluída. Este parece ser o caso do alteamen-

to por harmonização vocálica no português europeu, pois lá se conta apenas com três vogais, como se o alteamento tivesse avançado de tal forma que as altas [i] e [u] já não convivessem com suas vogais médias correspondentes /e/ fechado e /e/ aberto; /o/ fechado e /o/ aberto, respectivamente.

Em consequência da ausência de um acento, a natureza da vogal se torna passível de mutação sonora, isto é, a causa dos processos sonoros está na debilidade acentual. A desproteção de acento faz das átonas propensas a não preservação de sua integridade. Demonstro aqui os quatro processos:

1. Harmonização vocálica	<i>Querido, formiga, coruja, melhor e torrada.</i>
2. Redução vocálica	<i>Colégio e boneca</i>
3. Síncope em proparoxítonos	<i>Fósforo, número e pêssego</i>
4. Monotongação	<i>Peixe, faixa e couve</i>

O processo 1 consiste na igualdade de altura de duas vogais que pertencem a sílabas contíguas, o gatilho desse processo é a presença de uma vogal alta (em destaque em: Querído, formiga, coruja). Entretanto, a harmonização também se verifica por abaixamento, evidentemente, quando a vogal pretônica se realiza como baixa, devido ao fato de a vogal contígua ser baixa (em destaque em: melhor e torrada).

Assim, não perca de vista que harmonização é igualdade de altura sejam ambas altas ou ambas baixas, essas mais frequentes no norte e no nordeste, porém detectadas por estudiosos da fala carioca, que chegaram até a propor regras de harmonização envolvendo vogais baixas. O processo 2 é um alteamento, que, por não ter como gatilho principal uma vogal alta, é tido como alteamento sem motivação aparente. A razão principal da elevação está nas consoantes circunvizinhas, caso de palavras como c[u]légio e b[u]necaem que o processo deve-se às consoantes velar e labial, no âmbito do contexto precedente, por exemplo.

O processo 3 pode ter dois resultados decorrentes de a posição postônica ser bastante débil, um deles é a omissão apenas da vogal [pês.go] e [fós.fro]. Há autores que chegam a considerar a postônica não final a mais fraca das posições átonas, porque chega a culminar até na supressão inteira da sílaba (postônica medial), como atesta a realização [nun.ru] para a palavra número, o segundo resultado da fraqueza dessa posição da palavra. Por fim, o processo 4 culmina na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Acrescento que aqui se verifica o processo fonológico de *alongamento compensatório*, uma vez que o apagamento

da semivogal deixa vestígios, o que aumenta a duração de realização do monotongo.

Como processos variáveis, sabemos que estão sujeitos à atuação de condicionamentos, que funcionam como pressões para a realização de uma mutação sonora, apesar de como vimos, poderem não atuar, mesmo presentes. Um desses condicionamentos para o processo 1 é a *estrutura da sílaba*. Brandão (2015) apoiando-se em estudo por ela realizado e outras duas autoras em 2012 afirma que, nas médias pretônicas de Nova Iguaçu cujas sílabas iniciais não continham a posição de ataque silábico preenchido (i) a posterior apresentou 99% de retenção e (ii) a anterior em sílabas travadas por /N/ e, ainda mais, por /S/ alteiam quase de forma categórica, enquanto em sílabas abertas tende a conservar-se como média. Esse condicionamento é também relevante para ocorrências do processo 3, enquanto 2, assim como o processo 4, relevam influências de consoantes específicas, além de esse ser possível numa posição específica das palavras da língua portuguesa, a medial.

2. *Análise dos dados*

2.1. *Vogais pretônicas*

A autora aponta que a forma como as vogais pretônicas se concretizam difere o PB do PE, onde o processo de neutralização/alteamento avançou de tal forma que o sistema registra apenas três vogais, e delimita duas grandes áreas linguísticas aqui no Brasil, subfalares do norte/nordeste x subfalares do sul/sudeste, apesar de haver algumas exceções. Verificam-se, nesta pauta, a harmonização e redução vocálicas.

Vogais pretônicas: no sul do país

O gatilho do processo de harmonização vocálica é *uma vogal alta* (sobretudo, a anterior, tônica ou não: alegria, procissão, seja para elevar a anterior /e/ ou mesmo a posterior /o/), apesar de o caráter da atonicidade da vogal (se permanente ou eventual, este mais sujeito à retenção), a natureza da consoante vizinha e a nasalidade (relevante apenas para o alteamento da anterior) também serem motivadores. Em termos sociais, o

estudo de Bisol (1981) para dados do Sul revelou, ainda, ser o alteamento sensível ao fator etnia. Tendo essa variável independente em análise, mostrou-se, por exemplo, que descendentes de origem alemã tenderiam mais ao alteamento da posterior do que da anterior.

Bisol (1981) aponta, ainda, que a harmonização não se mostrou sensível à estigmatização social. Aviso, neste ponto, que estudos linguísticos mostram que isso acontece apenas com a ausência de marcas de concordância nominal e verbal, essa em certos contextos. Além disso, a harmonização vocálica, processo variável, tendia já à regressão, uma vez que se fazia um uso menor entre os jovens (fala culta). A autora trata ainda dos casos de redução vocálica, recomendando ao leitor a consulta à página 14 para tomar conhecimento dessas consoantes (antecedente e subsequente) que mais interferem nesse processo de elevação sem motivação aparente. Ainda nos dialetos do Sul, a estrutura da sílaba foi focalizada por Battisti (1973) que mostrou que, em contexto de ataque vazio, a vogal anterior tende a elevar-se mais do que a posterior, sobretudo, seguida de / S / ou / N /, em que considera o alteamento em vias de tornar-se categórico, de deixar de ser, portanto, um processo variável.

Vogais pretônicas: no norte do país

Freitas (2003) examinou as vogais médias pretônicas no município de Brangança-Pará, onde obteve os resultados:

- (a) Referente a consoantes antecedentes, mostrou que labiais e velares concorrem para o alteamento da posterior e palatais, glotais e sibilantes concorrem para o da anterior.
- (b) Quanto às consoantes seguintes, velares e sibilantes para a anterior e apenas a última para a posterior. A presença de glotais neste contexto favorece variantes abertas.
- (c) Em termos sociais, maior escolaridade favorece o uso das variantes médias.

Brandão (2015) mostrou que Razky & Santos (2009) sugerem a reclassificação da fala paraense e isso se deve aos maiores índices de realizações médias fechadas, 39% para a posterior e 45% para a anterior. Para os dialetos do norte/nordeste espera-se maior frequência de vogais

abertas, entretanto, a maior frequência de fechadas em algumas localidades culminou na proposição do subfalar amazônico, como mostrou Nascen-tes (1953). Ao que parece Razky e Santos (2009) defendem a inclu-são do Pará no subfalar amazônico, apesar de os índices de realizações abertas também serem significativos, 36% para a posterior e 41% para a anterior, e as altas as concretizações menos operantes, 26% para a poste-rior e 14% para a anterior.

Vogais pretônicas: no nordeste do Brasil

Silva (1991), com base na fala culta de Salvador, observou pre-domínio das médias abertas: 60% para as anteriores e 58% para as poste-riores. Tendo reconhecido casos de variação ternária e ocorrênciasde harmonização entre as baixas, o que foi predominante. A autora propôs três regras para o contexto pretônico, duas variáveis e uma categórica.

Destaco aqui a regra variável de timbre, segundo a qual vogais médias fechadas ocorrem preferencialmente antes de vogais altas. Essa regra é do tipo variável (rvt), está ausente na fala de indivíduos não esco-larizados e parece ser uma interferência de dialetos do sul e sudeste, tidos como de prestígio, além de ser mais frequente entre os mais velhos. Por outro lado, a regra 1, traço regional, diferencia o nordeste do Sul e o ue na ao norte. Silva (2009) mostra que a fala do Recife tem um quadro seme-lhante ao de salvador, só que a rvt é uma tendência dos mais jovens. Nascimento Silva (2009) deteve-se na fala de Teresina, onde constatou também a supremacia de vogais médias abertas (52% de posteriores e 65% de anteriores).No falar teresinense, constatou (i) três regras de har-monização em que a variante pretônica dependeria da altura da vogal subseqüente; (ii) casos de variação ternária e (iii) que o processo de neu-tralização do dialeto caminha em favor da média aberta, em contraste ao sul do país.

Vogais pretônicas: no centro-oeste

Para o centro-oeste, Brandão (2015) selecionou um estudo de Bortoni-Ricardo *et al.* (1992) que apontou a influência de fatores de três naturezas distintas: sonoros, morfológicos e lexicais para a implementa-ção do alteamento/abaixamento. Quanto aos fatores extralingüísticos, o

estudo revelou que as mulheres têm tendência levemente superior aos homens para o alteamento e o abaixamento. Ainda, em aspectos não linguísticos, vale destacar a classe social, há indícios de que os falantes de classe média-baixa estariam incorporando a variante abaixada, o que parece ser uma mudança de baixo para cima (já na fala dos da classe média, a variante abaixada é restrita). E, nesse sentido, é válido o comentário extraído do texto:

... resultados. Para a autora, a classe média de Formosa [...] tem esboçado um movimento oposto ao observado em outros estudos: não pre-
fere a variante menos marcada [e o] nem faz uso da hipercorreção. Ao invés disso
seleciona a variante estigmatizada [ɛ ɔ]. É possível que essa seja uma maneira de
classe média formosense demonstrar sua atitude positiva em relação à língua e à
cultura locais e, ao mesmo tempo, uma maneira de rejeitar as influências linguis-
ticas provenientes de Brasília, que chegam, muito provavelmente, via classe alta.

Vogais pretônicas: no Sudeste

O primeiro estudo das pretônicas da fala culta carioca foi de Callou e Leite (1986) que indicou a menor produtividade de alteamento entre a posterior nasal. Assim, a nasalidade condicionou de forma oposta o alteamento entre as vogais médias pretônicas. Favorece a elevação da anterior, mas conserva a posterior como média fechada. A presença de /S/ como coda da rima a que a vogal pretônica anterior é núcleo provoca seu alteamento categórico em três ambientes diferentes: # _ /S/ (escola), e em sequência # Des, prefixal (d[i]scontado) ou não (d[i]sfile). Entretanto, em ambientes de ataque vazio, a resistência à elevação atinge ambas as médias: [i]xatamente, [i]norme e [u]rigem. O estudo pioneiro também registrou realizações abertas em palavras como *helena*, *verão*, *torrada ecobrado* e fez a seleção da faixa etária e da região geográfica do falante como condicionadores. Já Callou, Leite e Coutinho (1981) confirma-se a atuação da vogal subsequente para o alteamento de /e/ sob influência das altas (/i/ e /u/). E defendem que somente se pode falar em harmonização vocálica no caso da média anterior. Para o alçamento de /o/, destacam-se o modo e o ponto da consoante precedente e, apenas secundariamente, pela vogal /i/, que é mais relevante do que /u/, o que motiva a não inclusão deste processo como de harmonização vocálica.

Também importante contribuição sociolinguística apresenta o estudo de Silva (1995) que focalizou a fala popular do norte e do noroeste fluminenses. Brandão (p. 24) aponta cinco resultados, abaixo reproduzi-

dos de forma integral, dentre os quais destaco o terceiro em que recorrendo ao leitor consultar os diversificados padrões variáveis distribuídos entre dois tipos (ora binários ora ternários):

- (a) As variantes médias foram as mais frequentes, seguidas por altas e as médio-abertas as escassas; (b) Mostra-se mais frequente, na região metropolitana do Rio, a variante alta e, nas demais áreas do estado, a média fechada; (c) os padrões de variação são diversificados a depender dos itens lexicais e das localidades; (d) homens tendem mais a implementar o alteamento do que as mulheres e (e) as variantes altas, em qualquer área, são mais presentes na fala dos mais velhos, diminuindo sua frequência à medida que decresce a idade dos falantes. (BRANDÃO, 2015, p. 24)

Celia (2004) analisou a fala culta de Nova Venécia-ES, e identificou dois processos variáveis de harmonização: um, desencadeado pela vogal alta, que alteia as pretônicas médias, e outro pelas vogais com traço baixo, que abaixam as pretônicas médias. Também Yacovenco (1993) propôs essa segunda regra para o dialeto carioca culto, assim como estabelecido para região nordeste, como mostrado acima. Já Viegas (1987) propôs para a fala de Belo Horizonte duas regras de alteamento. Para /e/, o processo seria de harmonização vocálica, mas para /o/ seria redução vocálica. Silveira (2008) contribui com um resultado surpreendente. Apoiando-se, na fala culta do noroeste paulista, constatou que o alteamento é um processo de baixo rendimento.

2.2. Vogais postônicas mediais: manutenção/alteamento

Vieira (2002), com dados do Sul, demonstrou que há vocábulos em que as médias postônicas não finais sempre se concretizam como média, como âncora, cócoras, cátedra e vértebra e vocábulos em que só se observa o alteamento, como abóbora, fósforo, prótese e número e essa realidade atribui caráter difusionista ao processo, como também defendeu Ribeiro⁵³⁹ (2007) com base no dialeto de Belo Horizonte. Nos dados do Sul, o contexto precedente foi a variável mais relevante para ambas as médias, labial para /o/ e as fricativas s/z para /e/. Apenas a média posterior foi sensível a fatores extralinguísticos. No Rio Grande do Sul, verifica-se o predomínio de [u], enquanto no Paraná e em Santa Catarina, a variante [o] prevalece. Também foram favorecedores do alteamento de /o/ o contexto seguinte (labial) e a localização na postônica (na raiz ou fora dela) e de /e/, além do contexto precedente, a presença de vogal alta

⁵³⁹ A autora também focalizou casos de (i) abaixamento “nód[o]lo”, além de (ii) alteamento “pét[u]la” e (iii) de síncope “abóbra”.

na palavra. E, de modo geral, os homens apresentaram maior propensão ao alteamento.

Já nos dados de fala popular carioca de De Paula (2010), verificou-se o predomínio da vogal alta tanto para a média anterior (70,7%) quanto para a média posterior (77,4%). Obteve-se diferença significativa entre as variedades popular e culta, uma vez que naquela o alteamento foi categórico para ambas as médias. Além da escolaridade, que difere a fala culta da fala popular, já que só ocorre concretização média no âmbito de /e/ na fala culta, a autora observou interferência do sexo e do léxico. Excluindo-se, então, a categoricidade de alteamento de /o/, deteve-se nos dados de / e /em que o alteamento atinge mais a fala das mulheres e, de modo oposto à tese, os termos não usais, que se esperava serem conservados devido à baixa usualidade. Esse quadro confirma a visão Mattosiana apenas para a fala culta, mas não para a popular, variedade em que o sistema já está mudado para três vogais. Nas áreas rurais, houve diferenças entre a fala espontânea e a monitorada (o cancelamento apresentou índices mais expressivos e o alteamento decaiu), o que sugere que o processo pode estar condicionado ao menor/maior monitoramento do discurso, além do léxico, dos segmentos sonoros e da escolaridade.

2.3. Síncope das vogais postônicas mediais de proparoxítonos

É um processo produtivo em todos os tempos da língua portuguesa (*aurícula* > *auricla*) e ilustra claramente o princípio do uniformitarismo de Labov, além de demonstrar o acento *default* da língua, o paroxítono. Do ponto de vista dos condicionamentos, diversos estudos mostram que o principal deles é, naturalmente, o contexto consonantal subsequente. Amaral (2000), com base no falar rural de um município gaúcho, mostrou que o contexto fonológico subsequente (*tepe/lateral*) é a variável mais relevante, assim como do ponto de vista social foi a escolaridade, é um processo mais frequente em indivíduos com menos de quatro/dois anos de estudo. Também foram influentes, nesse estudo, o traço de articulação da vogal (labial), a estrutura da sílaba precedente (*leve*), e o contexto fonológico precedente (*velares*), por fim, homens se mostram mais sensíveis ao apagamento. Com base em um atlas de Minas, Fonseca (2007) também confirma a importância da atuação das variáveis escolaridade e contexto seguinte.

Quanto ao processo de ressilabificação, Lima (2008) acrescenta que o segmento que antes ocupava a posição de ataque será incorporado

à sílaba tônica ou à átona final, seguindo os princípios de sonoridade e maximização do ataque e a natureza dos segmentos adjacentes pode se modificar, tendo-se verificado assimilação tanto progressiva quanto regressiva. Chaves (2011), que se deteve apenas em falantes com baixa escolaridade, mostrou que é a estrutura silábica o principal fator a motivar o apagamento. Em dados de fala culta carioca analisados por Gomes (2012), destacaram-se consoantes líquidas em contexto subsequente e a faixa etária, que indicou os mais jovens como os mais propícios a implementarem a regra. Para a fala de não escolarizados, além de condicionamentos linguísticos, destacam-se gênero e faixa etária, homens mais jovens favorecem o processo.

2.4. Vogais postônicas finais

Para esse contexto, ainda, existem, em algumas regiões, a manutenção das realizações médias, o que sinaliza uma neutralização incompleta (BISOL, 2003). Amaral (1976) mostrou que, na área do dialeto caipira de SP, as médias mantiveram-se. Rodrigues (1974) mostrou que, no dialeto caipira de Piracicaba, ocorrem alta e média de mesma série: bot[e], rat[o], peix[i] e doming[u]. Arone (2010) mostrou que, na fala de São José do Rio Preto, o alteamento é categórico. Nos dados do Sul, de Vieira (2002), a média anterior foi mais resistente ao alteamento (40% de alteamento/60% de manutenção) do que a média posterior com índice de 86% de alteamento. É mais provável que se concretize [i] quando, no contexto antecedente, ocorre (i) consoante fricativa [s,z] ou labial; (ii) a vogal se encontra em sílaba travada por /s/ e (iii) há presença de vogal alta na palavra (variáveis também relevantes para /o/. Quanto à área, são as cidades de colonização italiana e eslava as que mais preservam a média [e]. Lenzi (2008), que se deteve em um município de colonização italiana e alemã de santa Catarina, registrou alto índice de manutenção da média, o que mostra ser a etnia um fator determinante. Em Vieira (2009), foi a localização geográfica a variável mais relevante. Em Porto Alegre e Florianópolis, predomina o alteamento, já em Curitiba o índice foi menos significativo e no geral /o/ mostrou-se mais suscetível ao processo (90%).

Assim, com base nos dados e estudos de Brandão que aqui sintetizo podemos notar uma reorganização dialetal em função da pronúncia das postônicas finais diversa da que se postula para as pretônicas. De modo geral, essa separa o Brasil em falares do Norte/ nordeste do Sul/Sudeste, mas aquela parece separar partes de São Paulo e dialetos do

Sul das demais regiões do país. As postônicas médias já revelam dados um pouco diversos, uma vez que a posterior revelar maior tendência à mudança do que a anterior nas mesmas localidades.

2.5. Monotongação

Processo muito produtivo desde as origens da língua (*caecu* > *cego*). Mantendo-se em curso no presente, motivou Paiva (1986) ao primeiro estudo dos monotongos em que se transformam os ditongos [ow] e [ej] mediais de vocábulo, contexto de variação. A monotongação de [ej] de 61% tem no modo e no ponto do segmento subsequente as variáveis mais salientes: tepe e fricativas palato-alveolares. Quanto às variáveis sociais, Paiva (1996) afirmou que foram os homens mais escolarizados os que suprimem menos a semivogal [i] e na faixa de 15-25 anos são os que têm a taxa de conservação mais alta. 98% das ocorrências de [ow] são monotongadas, o que sugere, então, uma mudança concluída, apesar de existirem restrições de ordem lexical e também a sua recuperação, como em d[ow]ze e b[ow]a. Acrescento que essa recuperação dá-se ainda com o processo de vocalização da lateral, que, numa visão autosegmental, por exemplo, resulta do desligamento do nó secundário vocálico. A monotongação de [ow] não se circunscreve ao dialeto carioca, Cristofolini (2011) aponta índice de 93% para [ow] na fala de Rationes, Florianópolis.

3. Proposta de atividade do minicurso:

Como forma de exercitar os conhecimentos adquiridos neste minicurso e promover uma interação e aproveitamento melhor, proponho a seguinte atividade: “Reconhecer semelhanças ou contrastes entre os resultados sociolinguísticos de duas diferentes regiões geográficas”. Uma possibilidade de resposta: “No centro-oeste, mulheres tinham maior tendência ao alteamento, entretanto, no Sudeste, foram os homens os mais propensos a realizações elevadas”. Outras respostas podem ser as da seção 3.1, a inovação deste texto.

3.1. Algumas comparações relevantes entre os resultados de diferentes regiões:

- Diferentes estudos (BRANDÃO; ROCHA; SANTOS, 2012; CALLOU *et al.*, 1986; BATTISTI, 1993) mostraram a presen-

ça de consoante “s” e “n” em coda como propiciadoras do alteamento da vogal média pretônica /e/, sobretudo a sibilante.

- De modo geral, a escolaridade favorece a conservação das médias pretônicas em diferentes áreas brasileiras, entretanto, a classe média-baixa do centro-oeste dá margem à introdução de uma característica da classe c, ao fazer uso da variante baixa.
- Callou, Leite e Coutinho (1981) concluem seu estudo afirmando ser o alçamento das médias um caso de variação estável, não havendo indício de progressão da regra, mas antes uma possível perda de produtividade, o que também Bisol em 1981 teria atestado, já que na fala dos jovens do Sul não seria tão produtiva como na dos mais velhos.
- Viegas (1987) propôs classificação distinta do comportamento do alteamento para as duas pretônicas. Em função de palavras em que a elevação é provocada por consoantes adjacentes, principalmente, as oclusivas, atribui ao fenômeno o estatuto de Redução vocálica e não harmonização quando motivada pela alta seguinte. Entretanto, autores como Silveira (2008), mostrou que em SP todas as formas de elevação são tidas como redução tipicamente analisados como de harmonização ou ainda os casos sem contexto para elevação.
- Entre as pretônicas do Rio de Janeiro, Callou *et al.* (1995) concluem que há predomínio da concretização média fechada, com alteamento de índice de 32% para a anterior e 29% para a posterior, entretanto, em Teresina, nordeste, Nascimento Silva (2009) mostra que é a variante alta a de menor produtividade entre as anteriores, mas não entre as posteriores em que a variante alta predomina sobre as fechadas.
- Em sua tese (2001), Viegas registrou o desprestígio do alçamento das pretônicas para alguns falantes de Belo Horizonte, constatação que não é recente, o que vai mais ou menos ao encontro do que ocorrem no Centro-oeste onde as médias baixas estão sendo imitadas. Também o centro-oeste mostrou efeitos lexicais, o que também foi confirmado por Callou *et al.* (1995) que mostrou que o fenômeno pode favorecer uma abordagem difusionista.

- Por fim, há grande incidência de elevação entre as pretônicas quando há vogal alta na sílaba tônica ou em outra pretônica como mostraram, por exemplo, Callou *et al.* (1986) e Bisol (1981).
- O léxico também mostrou-se relevante no contexto postônico não-final. Autores como De Paula (2010) mostraram que há palavras em que não há alternância de pronúncia, uma vez que ou o item só manifesta o fonema postônico medial como alta ou só como médio.
- Também através do estudo de De Paula (2010) é possível reconhecer a postulação de diferentes normas linguísticas por escolaridade, uma vez que, como Brandão (2015) mostrou que somente entre os falantes de menor escolaridade, representantes de uma variedade em que pressões normativas têm menos força, a mudança parece estar efetivada, com a implementação do alteamento de ambas as vogais médias e a regularização do quadro em três segmentos fonológicos / i, a, u /.
- No âmbito das postônicas mediais, apenas afala culta do Rio, em que predomina o alteamento para a posterior (90%) e a manutenção da anterior como média (77,3%) é semelhante ao comportamento verificado por Ribeiro (2007) em Belo Horizonte, já que os casos categóricos de alteamento devem-se a /o/, e os de manutenção da média, a /e/.

4. Considerações finais

Apontei, na introdução deste texto, a atonicidade como a razão de as vogais átonas serem as passíveis de mutação. Por todo o Brasil, notam-se (i) demarcações linguísticas distintas, a depender da pauta átona em pauta. Se, de um lado, as pretônicas dividem o norte/nordeste do sul/sudeste, de outro, as postônicas finais separam o sul e partes de São Paulo do resto do Brasil; (ii) comportamentos variáveis quanto à atuação de condicionamentos linguísticos e sociais, o que pode ser cotejado na seção 3.1.; (iii) pesquisas sobre aspectos do vocalismo que requerem uma sondagem preliminar, uma vez que o quadro de variantes envolvidas pode ser bastante diferente a depender das condições sociolinguísticas. Considere, por exemplo, a situação do quadro postônico não-final, além da variante alta e da média, pode estar em jogo a variante apagada. Fecho

esse trabalho completo na linha sociofonética com uma pergunta seguida de sua resposta: O que é a sociolinguística? Um método de probabilidades!

5. Indicações de referências bibliográficas na linha sociofonética variacionista

Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação – Mollica e Braga;

Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro – Martins & Abraçado;

Uma história de investigações sobre a língua portuguesa – homenagem a Silvia Brandão (livro que se detém na variação do Português carioca e disponível na web);

Português do Sul do Brasil- variação fonológica – Bisol e Collischonn (disponível na Web);

Fonologia e variação – Recortes do Português brasileiro- Bisol e Brescancini;

A construção fonológica da Palavra – coleção: gramática do português falado culto no Brasil;

Mudança fônica do português brasileiro– coleção: História do português Brasileiro;

E alguns volumes como o *v*, *vi* e *viii* da coleção *Gramática do português falado*, dentre outros volumes, livros e artigos/orientações de pós-graduação dos seguintes professores: Silvia Brandão, Leda Bisol, Gisela Collischonn, Dinah Callou, Demerval da Hora, Valéria Monaretto, Cláudia Regina Brescancini, Elisa Battisti, Maria Bernadete Abaurre, Emílio Pagotto, Cristina Abreu Gomes, Thaís Cristófaros Silva etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brandão, Silvia Figueiredo. Variação e mudança no âmbito do vocalismo. In: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: contexto, 2015. p 11-38